

## A FORMAÇÃO CONTINUADA NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Edlane de Freitas Chaves | edlanefc@hotmail.com

Rosimeire Costa de Andrade Cruz | rosimeireca@yahoo.com.br.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa de dissertação que investigou a relação entre a formação continuada no contexto de um município cearense e o desenvolvimento das práticas pedagógicas na perspectiva de professoras<sup>225</sup> de Educação Infantil. Para o presente texto são enfocadas as percepções das professoras acerca da expressão “formação continuada” com ênfase nos termos mais recorrentes a ela atribuídos.

Desse modo, considerando o percurso da formação continuada, nesse artigo são apresentados, de maneira sucinta, os diferentes termos e expressões designados para referência à “formação continuada” de acordo com as pesquisas de Marin (1995) e Barbieri (1995), como também os termos e significados atribuídos por professoras de Educação Infantil à referida expressão.

As informações decorrentes desse estudo foram organizadas nos seguintes tópicos: 1) Formação continuada de professores: breves considerações teóricas; 2) A formação continuada: termos e expressões que a delimitam 3) Os significados da formação continuada na percepção das professoras de Educação Infantil; e 4) Considerações Finais.

### FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O tema formação continuada de professores, numa perspectiva geral, vem sendo abordado em pesquisas e teorizações de estudiosos como Nóvoa (1995) e Imbernón (2010). Esses autores concebem a formação continuada de professores como espaço de reflexão, de participação, de trocas de experiências, que deve valorizar os saberes dos professores e as

---

225 A denominação “professoras” ao invés de “professores” é usada para fazer referência às docentes que atuam na Educação Infantil e às que são sujeitos desta pesquisa, tendo em vista a predominância de profissionais do sexo feminino no contexto nacional e no município investigado.

suas vivências pessoais e profissionais.

Para Nóvoa (1995), a formação continuada deve ocupar lugar central nos debates que envolvem a profissão docente e as práticas de formação contínua devem ocorrer numa dimensão de construção coletiva. Desse modo, critica as práticas de formação que visam à transmissão e aquisição de técnicas e conhecimentos pelos professores, visto que essas ações contribuem para uma individualização da formação docente.

Imbernón (2010) defende que a formação continuada deva ser estimuladora do desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, no sentido de subsidiar a transformação da prática, favorecendo uma perspectiva coletiva de construção dos saberes.

Nóvoa (1995) e Imbernón (2010) concordam que toda proposta de formação continuada deve estimular nos professores o desenvolvimento da sua autonomia, como também, proporcionar a reflexão sobre a própria prática docente, de maneira que possa contribuir para a construção de uma identidade profissional.

Considerando uma abordagem mais específica que enfoca a formação continuada de professoras na Educação Infantil, os pressupostos teóricos e pesquisas empíricas de Oliveira-Formosinho (2002; 2011) e Kramer (2008) trazem importantes contribuições para o tema. As referidas autoras defendem a formação continuada como um processo em contínuo desenvolvimento, que deve valorizar a trajetória profissional, as experiências e a construção de saberes pelas professoras.

Oliveira-Formosinho (2002, p. 06) concebe a formação na perspectiva do desenvolvimento profissional docente que é “um processo vivencial não puramente individual, mas um processo em contexto”. Quanto à profissionalidade específica da educadora da infância, a autora refere-se ao conjunto das ações que a educadora desenvolve na sua prática junto às crianças e às suas famílias, que são específicas e, portanto, singulares, se comparadas ao trabalho de professores de outras etapas educacionais.

Kramer (2008) considera que a formação de professoras acontece em tempos e espaços variados na história de vida da docente. Desse modo, a autora destaca que os elementos presentes na trajetória de vida profissional e pessoal da professora são essenciais para a compreensão dos conhecimentos mais específicos relativos à infância e podem contribuir de forma significativa na atuação profissional.

Oliveira-Formosinho (2002) e Kramer (2008) advertem que as professoras que atuam na Educação Infantil devem compreender, dentre outros aspectos relativos à criança e às

especificidades do trabalho pedagógico em creches e pré-escolas, as características e particularidades do desenvolvimento infantil para que se possa favorecer a ampliação das experiências e conhecimentos das crianças de forma significativa. Portanto, a formação, inicial e continuada de professoras da Educação Infantil é reconhecida pelas autoras como um dos principais elementos que podem contribuir para a melhoria da qualidade da educação oferecida às crianças.

### **A FORMAÇÃO CONTINUADA: TERMOS E EXPRESSÕES QUE A DELIMITAM**

A abordagem do tema formação continuada requer breve explicação sobre o significado do termo “formação” que é polissêmico, por abranger diferentes significados. No dicionário “Aurélio”, o referido termo encontra-se assim definido: 1. Ato, efeito ou modo de formar. 2. Constituição, caráter. 3. Maneira por que se constituiu uma mentalidade, um caráter, ou um conhecimento profissional.

No que se refere aos significados atribuídos à expressão “formação continuada” no âmbito educacional, Gomes (2013) assinala que não existe um consenso sobre o seu significado entre os autores que abordam essa temática.

Autores como Marin (1995) e Barbieri (1995) pesquisaram as terminologias usadas para designar as formações direcionadas aos professores em exercício, no sentido de aprofundar e melhor entender os conceitos que o delimitam.

O estudo de Marin (1995) identificou diferentes termos utilizados ao longo dos anos, conforme os contextos políticos, sociais e econômicos, para designar a formação continuada: reciclagem, treinamento, aperfeiçoamento, capacitação, educação permanente, formação continuada, educação continuada.

Barbieri (1995) fez uma retrospectiva histórica das terminologias utilizadas para designar a formação continuada e destacou como sendo os termos e expressões mais utilizados: educação permanente, reciclagem, treinamento, atualização e capacitação docente.

Conforme a autora supracitada, os termos utilizados indicam formas diversificadas de designar uma mesma ação que é a formação do professor no exercício de suas funções. Entretanto, ela afirma que “são termos equivalentes, mas não são sinônimos”, por manifestarem diferentes características. (BARBIERI, 1995, p. 32)

Kramer (2008) também afirma que diversos são os termos e expressões que circulam

nas redes públicas ou privadas, nas creches, pré-escolas e escolas, tais como: formação permanente, formação continuada, formação em serviço, capacitação e reciclagem.

Desse modo, visando uma melhor compreensão sobre o significado dos diferentes termos e expressões identificados para abordar a formação continuada de professores, será apresentada, a seguir, uma breve síntese do contexto e do uso de alguns deles.

### **RECICLAGEM, CAPACITAÇÃO, TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO**

Marin (1995) explica que o termo reciclagem era bem presente no contexto da década de 80 e era utilizado para designar ações de qualificação nas diversas áreas profissionais.

Para se referir à formação dos professores, “reciclagem” também passou a ser sinônimo de “atualização pedagógica”. Marin (1995) considera esse posicionamento comprometedor, tendo em vista que o significado literal da palavra reciclagem abrange uma expectativa de transformação, de mudança radical, o que é possível com objetos e não com pessoas. Essa concepção de formação deu origem a programas descontextualizados, com ações superficiais, palestras e encontros esporádicos, abordando de “forma superficial” um universo tão complexo e abrangente como o meio educacional. (MARIN, 1995, p. 14)

Barbieri (1995) explica que o termo “reciclagem” foi inspirado na reciclagem de materiais e significa reaproveitar o conhecimento, dar forma diferente a um mesmo conteúdo. Kramer (2008) considera esse termo como sendo o mais inadequado para designar a formação, pois sugere que os profissionais podem se descartar da história passada, da experiência vivida e recomeçar tudo de novo.

Na perspectiva de Marin (1995, p. 17), o termo capacitação contempla duas vertentes de significados: “tornar capaz, habilitar, por um lado e, por outro lado, convencer, persuadir (...)”. Marin (1995) explica que a primeira acepção está mais próxima da ideia que se tem de formação continuada, já que o trabalho com educação requer profissionais capazes para o desempenho de suas funções. A segunda compreensão do termo capacitação não condiz com as práticas da educação, uma vez que “os profissionais da educação não podem e não devem ser persuadidos ou convencidos de ideias”, devendo ter acesso à reflexão, ao debate e à análise destas. (MARIN, 1995, p. 17). Em nome de uma “suposta melhoria”, tem-se a adoção da concepção que alia a formação ao convencimento, o que gerou “ações de capacitação

visando à venda de pacotes educacionais ou propostas fechadas aceitas acriticamente”, conforme ainda se observa na realidade. (MARIN, 1995, p. 17)

Kramer (2008, p. 218) critica o uso do termo “capacitação” porque o seu uso remete à ideia de dar algo para alguém que seria incapaz.

Barbieri (1995) utiliza a expressão “capacitação docente” e considera-a como a denominação mais usada no âmbito educacional para se referir à formação de professores. Barbieri (1995, p.32) explica que o “curso de graduação também é uma capacitação”, por isso “se aproxima do termo educação continuada, que quer colocar um *continuum* na formação do professor.” Desse modo, considera que a continuidade é necessária tendo em vista as demandas do cotidiano do trabalho pedagógico e a “formação dita deficiente do professor”.

Considerado um termo ainda bastante usado na área da formação continuada, “treinamento” tem como sinônimos: tornar apto ou capaz para realizar determinada tarefa, desenvolvimento de habilidades ou ainda “modelagem de comportamento”. No que se refere à formação continuada de profissionais da educação, Marin (1995) ressalta que “treinamento” não condiz com os processos de educação continuada, uma vez que a formação requer o uso da inteligência e não a modelagem de comportamentos ou reações padronizadas.

Barbieri (1995) reconhece que o termo treinamento é usado há muito tempo e acredita na possibilidade de usá-lo para se referir ao treinamento de pesquisadores, mas inaceitável quando se refere ao trabalho desenvolvido com os professores.

No que se refere ao termo aperfeiçoamento, a busca pela perfeição é um pressuposto que se manifesta nesse tipo de formação, quando se verifica o real significado que esse termo carrega, conforme retrata Marin (1995, p. 16): “tornar perfeito ou mais perfeito, acabar com perfeição, concluir com esmero, completar ou acabar o que estava incompleto, adquirir maior grau de instrução, emendar os próprios defeitos”.

Marin (1995) ressalta que quando se trata de seres humanos e de processo educacional, a perfeição é algo inatingível, pois a realidade é repleta de falhas e acertos, assim como de possibilidades e impossibilidades. Nessa perspectiva, o emprego do termo “aperfeiçoamento” é inadequado para abordar a formação de professores.

A autora acrescenta, ainda, que o seu uso deu origem a cursos de concepções tradicionais, pautados em conteúdos com objetivos precisos e limitados à correção de problemas e elevação do nível de instrução de quem deles participa.

*Educação Permanente, Formação Continuada e Educação Continuada*

Kramer (2008) destaca a expressão educação permanente como a mais antiga. Para Marin (1995, p. 18), “educação permanente” remete à compreensão de “educação como processo prolongado pela vida toda, em contínuo desenvolvimento”. Barbieri (1995) utiliza a expressão educação permanente para se referir à educação de adultos, que muitas vezes acontece como um treinamento em alguma função.

O emprego da expressão formação continuada, conforme destacado por Kramer (2008), é consagrado pela legislação da área, como a LDB (BRASIL, 1996)<sup>226</sup>.

Marin (1995, p. 18) reconhece a expressão “formação continuada” como sendo bastante utilizada no âmbito nacional e também na literatura internacional. Assim, tendo como base a reflexão de Chantraine-Demilly (1992), ressalta que “a formação contínua guarda o significado fundamental de atividade conscientemente proposta, direcionada para a mudança”.

Marin (1995, p. 18) considera que a expressão “educação continuada” parece mais completa no que se refere ao atendimento às necessidades da formação e enfatiza que é “cada vez mais aceita e valorizada como verdadeira prática social de educação mobilizadora de todas as possibilidades e de todos os saberes dos profissionais”.

Outras expressões tais como “formação em serviço” e “atualização” também aparecem em contextos que fazem referência à formação continuada. Kramer (2008, p. 218) utiliza a expressão formação em serviço para se referir à “formação de profissionais que já trabalham” numa determinada área. Barbieri (1995, p.32), ao utilizar o termo atualização, justifica que, de uma forma restrita, pode significar “pôr em dia conteúdos”.

Diante da análise dos termos e expressões apresentados para designar a formação continuada, convém ressaltar que a variedade de terminologias e os seus significados dependem de cada contexto e dos objetivos de cada realidade, visto que apresentam “um significado epistemológico, que tem se materializado nas práticas formativas instituídas” (ARAÚJO e SILVA, 2009, p. 327), ultrapassando assim a ideia de simples nomenclaturas.

---

226 Cf. Art. 62º: Garantir-se-á **formação continuada** para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013). (BRASIL, 1996, grifos nossos).

## OS SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A pesquisa de campo aconteceu em duas instituições de Educação Infantil de uma rede municipal localizada na região metropolitana de Fortaleza: uma creche e uma pré-escola. Os sujeitos foram 08 professoras, sendo 04 de cada instituição. A construção dos dados se deu, principalmente, a partir de entrevistas semiestruturadas com as docentes.

De modo geral, essas profissionais, apresentadas com nomes fictícios nesse artigo, possuem entre 37 e 61 anos de idade, têm habilitação no magistério em nível médio ou superior, cursaram pós-graduação lato sensu em Educação Infantil e em outras áreas, têm entre 7 e 15 anos de tempo de magistério na Educação Infantil.

Quando indagadas acerca do significado da expressão “formação continuada”, os termos mais recorrentes nos discursos das professoras foram: “reciclagem”, “estudo”, “atualização”, “descoberta”, “continuidade”, “revisão”, “renovação”, aprender, conforme trechos a seguir:

Bom, eu acho assim, o termo já está dizendo, dar continuidade, porque eu acho que o professor tem que estar sempre estudando. Não é porque terminou os estudos e parou não. É tipo uma reciclagem. De você estar sempre se reciclando, se atualizando. É uma atualização dos conhecimentos, porque sempre vai surgir novas pesquisas, tem tantas pesquisas na área de educação que estão surgindo com novas descobertas. Então, se você for se afastando disso, você vai ficando desatualizado. (TALITA)

É estar sempre se reciclando, né? Estar sempre ali, em processo de vivências mesmo da educação, de não esquecer, de estar sempre estudando, sempre revendo. (DORA)

O professor tem que estar sempre se reciclando, aprendendo, estudando. (LIZA)

Embora o termo “reciclagem” seja recorrente nos relatos das professoras, vale lembrar a sua inadequação, como explica Marin (1995, p. 14): o uso desse termo “na perspectiva dos profissionais da educação – jamais poderá ser utilizado para pessoas, sobretudo para profissionais, os quais não podem, e não devem fazer tabula rasa dos seus saberes”.

Desse modo, reciclar caracteriza a transformação completa de objetos manipuláveis como, por exemplo, papéis e plásticos que podem ser cortados, amassados, desmanchados,

para dar origem a outros materiais. Formação continuada envolve uma ação complexa que envolve pessoas e, por isso, a adoção do termo “reciclagem” não condiz com a ideia de uma “atualização pedagógica”. (MARIN, 1995, p. 14).

Pilar e Beta percebem a formação continuada como algo processual, que dá suporte às experiências que já desenvolvem no cotidiano de suas práticas, sendo mais recorrentes os termos “sequência”, “revisão” e “continuidade”, de acordo com os seguintes trechos:

A formação continuada é uma coisa que a gente já sabe e só vai dar sequência ao que a gente já tem, são acréscimos. Como o próprio nome já diz, continuada, como uma continuação de tudo. É algo que é planejado, que tem sempre uma sequência, tem um planejamento em cima do que nós trabalhamos no mês passado, o que vamos trabalhar agora, dando sempre uma continuidade, uma sequência do trabalho para não ficar como algo solto e sem uma fundamentação. (PILAR)

Então, eu acho que a formação continuada é o que você está dando continuidade ao seu trabalho, é um trabalho contínuo de estar sempre revendo temas que vão ajudar no seu dia a dia, na sua formação. (BETA)

A visão de continuidade atribuída pelas professoras à formação continuada precisa avançar para além da simples “revisão de temas”, no sentido de “promover a reflexão dos professores, potencializando um processo constante de autoavaliação sobre o que se faz e porque se faz”. (IMBERNÓN, 2010, p. 47).

Isa compreende a formação continuada como um “benefício” e não como um direito: “no meu modo de ver, a formação continuada é um grande benefício para nós professores, porque é no dia a dia que vai surgindo obstáculo, vão surgindo indagações, como eu vou agir nessa situação?”.

Kramer (2008, p. 224), contrariando a concepção de formação continuada como um “benefício” defende-a como um direito das professoras ao ressaltar que “a formação é necessária não apenas para aprimorar a ação profissional ou melhorar a prática pedagógica. A formação é direito de todos os professores, é conquista e direito da população, por uma escola pública de qualidade”.

Ainda no que se refere ao significado atribuído à expressão “formação continuada”, Dora reafirma a ideia de “renovação” e “reciclagem”, mas acrescenta um aspecto novo não referido por suas colegas, a “afetividade”: “Eu vejo como um carinho, uma manifestação de afeto que ali vai renovando. Mas é como eu já te disse, eu vejo a formação continuada como uma renovação, a cada vez que você está ali, está se renovando, se reciclando”.

Ribeiro (2010, p. 403), ao discutir sobre as relações educativas nas instituições de educação, aponta a afetividade como aspecto influenciador da aprendizagem. Destaca-a como um elemento importante da formação do professor ao afirmar que “a afetividade é impulsionada pela expressão dos sentimentos e das emoções e pode desenvolver-se por meio da formação”, tendo em vista a amplitude e complexidade das relações que se estabelecem nos espaços educativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a formação continuada de professores se constitui como temática relevante no âmbito das discussões e teorias formuladas na área, aspecto que também influencia nas terminologias utilizadas para referência a esse tipo de formação, visto que a própria LDB - Lei - 9.394/96 recorre a essa expressão. (BRASIL, 1996)

Nesse percurso, chama atenção o fato de que as terminologias utilizadas para designar a formação continuada são decorrentes dos contextos históricos e sociais predominantes em dadas realidades e que influenciam a trajetória dos processos educativos.

Os termos declarados pelas professoras e as suas justificativas acerca dos significados que atribuem à formação continuada revelaram que, de modo geral, elas compreendem-na como um processo contínuo de construção profissional, que acontece por meio das trocas de experiências e das suas práticas cotidianas. Entretanto, ainda recorrerem a termos como treinamento e reciclagem, sendo estes considerados pela literatura pesquisada como inadequado para designar a formação referida.

Em alguns depoimentos ficou evidenciada a ideia de formação continuada como suporte para superação de dificuldades ou mesmo de modelos a serem “aplicados” no desenvolvimento das práticas pedagógicas. Esses aspectos evidenciam um descompasso entre as discussões e concepções teóricas sobre o tema e a realidade apreendida e vivenciada pelas professoras, conforme retratado na realidade desta pesquisa relacionada às profissionais que atuam na Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Clarissa Martins e SILVA, Everson Melquíades da. **Formação continuada de professores: tendências emergentes na década de 1990.** Revista Educação, Porto Alegre, v.

XIV ECHE – ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
IV ENHIME – ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO  
FORTALEZA – CE | 17 a 19 de Setembro de 2015 | ISSN XXXX XXXX

32, n. 3, p. 326-330, set./dez. 2009.

BARBIERI, Marisa Ramos (et. al.). **Formação Continuada dos Profissionais de Ensino: algumas considerações.** Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cadernos CEDES Nº 36. Educação Continuada. 1ª ed. Campinas – SP: UNICAMP, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei Nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de Professores na Educação Infantil.** 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção docência e formação. Série Educação Infantil)

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

KRAMER, Sonia. (org.). **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação.** São Paulo: Ática, 2008.

MARIN, Alda Junqueira. **Educação Continuada:** introdução a uma análise de termos e concepções. Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cadernos CEDES Nº 36. Educação Continuada. 1 ed. Campinas – SP: UNICAMP, 1995.

NÓVOA, Antonio (coord.). **Os Professores e a sua Formação.** Lisboa – Portugal: Publicações Dom Quixote – Instituto de Inovação Educacional, 1995.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia e KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Formação em Contexto:** uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afectos, entre a sala e o mundo. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (org.). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil.** 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2011 (p. 133 – 167)

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa.** Estudos de Psicologia. Campinas págs 403-412, julho - setembro 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/12.pdf>>. Acesso em 22 de junho de 2015.